

Na edição anterior, **Tensões Mundiais** ofereceu aos nossos leitores uma entrevista com Miroslav Hroch, historiador tcheco que se destacou por seus estudos sobre as nacionalidades na Europa do Leste. Prosseguimos com a divulgação de suas idéias agora publicando o ensaio *O dilema dos anos 1990: o que fazer com o nacionalismo em países pós-comunistas?* Hroch propicia importantes elementos para reflexão sobre a unidade européia.

Contrapondo-se a comentaristas ocidentais que viam nos países pós-comunistas a ameaça de um “nacionalismo destrutivo”, Hroch investe contra os mal-entendidos terminológicos e metodológicos que cercam a palavra “nacionalismo”. Como ponto de partida, estabelece a distinção entre os processos de formação das nacionalidades. Para este autor, não caberia confundir as comunidades que, compartilhando valores e costumes, despontavam como Estados nacionais, já no final do século XVIII, fundados na idéia de união de cidadãos iguais, com as experiências de grupos étnicos não-dominantes e que tomou a forma de movimentos nacionais. O avanço na formação da identidade européia demandaria, segundo Hroch, não apenas a inclusão dos países pós-comunistas como membros, mas a superação, pelos ocidentais, da percepção das comunidades orientais como meras receptoras de ajuda e portadoras de sentimentos destrutivos.

Na seqüência das discussões sobre o nacionalismo na Europa, publicamos um artigo de Daniel Esparza que aborda o ressurgimento do mito das “duas Espanhas”, originado durante a Segunda República e a Guerra Civil espanhola. Observando fatos ocorridos na primeira gestão de Zapatero, após o ataque terrorista de 11 de março de 2004, o autor mostra como os atuais agrupamentos políticos e mediáticos de “Esquerda” e de “Direita” revivem simbolicamente os papéis exercidos há mais de setenta anos.

Quanto aos processos nacionais latino-americanos, as tensões vividas pelos venezuelanos são acompanhadas com grande expectativa. O referendo de dezembro de 2007 na Venezuela é o tema central do artigo de James Petras. A campanha pelas reformas constitucionais deve, conforme este professor, ser entendida como parte do longo processo de transformações sociais. A derrota eleitoral dos apoiadores de Hugo Chávez revela a persistência de problemas

estruturais como a escassez de alimentos e a inflação. Petras acredita que, caso o governo bolivariano não enfrente efetivamente estas questões, suas perspectivas políticas se estreitarão.

A idéia de soberania vincula-se estreitamente à capacidade militar das comunidades nacionais e a tudo o que diga respeito ao desenvolvimento de tecnologias de emprego militar, constituindo aspecto dos mais delicados nas relações internacionais. Mas, em que consistem precisamente as “tecnologias militares”? Waldimir Pirró e Longo discorre sobre este conceito-chave reagindo às noções predominantes. Este veterano estrategista brasileiro, preocupado com as variadas formas de restrição ao fluxo e comercialização de tecnologias por parte das potências que as detêm, ressalta a importância da política científica para a segurança, defesa e progresso de uma nação.

Cerimônias comemorativas de grandes datas constituem usualmente momentos de esforço intensivo na construção do sentimento e na afirmação de valores das comunidades nacionais. No Brasil, as festividades que marcaram os “500 anos” do Descobrimento foram particularmente significativas. Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues examina as mensagens de “união nacional” que o Estado, com amplo apoio da intelectualidade e da mídia, buscou comunicar aos brasileiros nesta ocasião.

Seguimos divulgando os estudos realizados pelo **Observatório das Nacionalidades**. Nesta edição, apresentamos o trabalho de Francisco Adjacy Farias e Mônica Martins sobre o conceito de “pobreza” do Banco Mundial. Apoiados em documentos e em reflexões de analistas, os autores sublinham o alcance das formulações e práticas desta agência multilateral sobre as percepções acadêmicas e as políticas governamentais. Contudo, eles vão além: o grupo de pesquisa **Observatório das Nacionalidades** tem sustentado que as nações são filhas diletas da “internacionalidade” e que a atuação do Banco Mundial é plena de revelações neste sentido. Que “projeto de nação”, na América Latina, deixou de absorver com maior ou menor ênfase as conceituações do Banco Mundial nas últimas décadas?

Os Editores